

Da *Encyclopédie* ao *Spotify*: divulgação científica, escuta crítica e experiências públicas de saber na cultura digital¹

Gabriel Luz de Oliveira¹ 

Resumo

Este artigo reflete sobre os sentidos e desafios da divulgação científica diante da ascensão dos podcasts como mídia sonora na cultura digital. Partindo de uma perspectiva histórico-crítica, traça um percurso da *Encyclopédie* iluminista às plataformas digitais atuais, destacando como o conhecimento científico – sobretudo histórico – é apropriado, distribuído e disputado online. Mais do que mapear tecnologias, propõe pensar o podcast como forma que articula oralidade, narrativa e política da escuta. Analisa as transformações no vínculo entre ciência e público, os efeitos da lógica das plataformas e o papel dos podcasts de História no enfrentamento ao negacionismo. Baseia-se em revisão bibliográfica multidisciplinar e inclui um estudo de caso do projeto “Literatura e história em rede” e do podcast Espia e Espia, da UFOP.

Palavras-chave: divulgação científica; podcasts; cultura digital; escuta crítica; história pública

¹ Doutorado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
E-mail: luzgabriel@outlook.com.br

From the *Encyclopédie* to Spotify: science communication, critical listening, and public knowledge experiences in digital culture

Abstract

This article examines the evolving landscape and challenges of science communication in the digital age, focusing on the rise of podcasts as a prominent audio medium. Adopting a historical-critical perspective, it traces a trajectory from the Enlightenment's *Encyclopédie* to contemporary digital platforms, highlighting how scientific – particularly historical – knowledge is appropriated, disseminated, and contested online. Rather than simply mapping technological shifts, the article conceptualizes podcasts as a medium that interweaves orality, narrative, and the politics of listening. It explores the transformation of the science-public relationship, the implications of platform-driven logics, and the crucial role of history podcasts in countering denialism and fostering public memory. The analysis draws on multidisciplinary scholarship and features a case study of the “Literature and History Online” project and the *Espia e Espia* podcast, both based at UFOP (Federal University of Ouro Preto, Brazil).

Keywords: science communication; podcasts; digital culture; critical listening; public history

Considerações iniciais: entre verbetes e vinhetas

A divulgação científica ocupa hoje um lugar estratégico nas disputas por sentido, autoridade e legitimidade no espaço público. Em um ambiente marcado pela circulação acelerada de discursos enviesados, pela performatividade do negacionismo e pela mediação algorítmica da visibilidade, o desafio de comunicar ciência não se limita à tradução de jargões ou à simplificação de conceitos. Trata-se, sobretudo, de disputar narrativas, ritmos e formas de circulação do saber, exigindo elaboração formal e posicionamento crítico.

A analogia com a *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert ajuda a situar esse problema em perspectiva histórica. O projeto iluminista de reunir e tornar acessível o saber racional constituiu uma ambição pública relevante, mas profundamente situada, atravessada por limites materiais, filtros sociais e condições específicas de circulação. O podcast contemporâneo opera uma ambição análoga, ainda que em outro registro: oferecer inteligibilidade ao excesso informacional por meio da mediação sonora, também condicionada por dispositivos técnicos, temporais e de alcance. Em ambos os casos, não se trata de universalizar o conhecimento, mas de disputar modos de torná-lo audível.

Ao recolocar a voz no centro da comunicação científica, o podcast desloca a primazia da escrita e evidencia a escuta como dimensão constitutiva do conhecimento público. Pensar com a voz implica considerar o tempo, o ritmo, as pausas e os afetos envolvidos no ato de escutar. Como mostram Ochoa Gautier (2014) e Bull (2007), a escuta não é passiva, mas performativa e politicamente situada, implicando escolhas, silenciamentos e disposições corporais. Nos podcasts de História, essa escuta convoca o ouvinte a participar de narrativas que demandam atenção, tempo e, por vezes, desconforto.

O formato *podcastal* favorece, assim, uma relação mais horizontal com o público, reabilitando a conversa e a narrativa como modos legítimos de produção de conhecimento. No entanto, essa aposta ocorre em um cenário marcado pela plataformização da comunicação, no qual algoritmos, métricas de engajamento

e interesses comerciais impõem novos filtros à circulação do saber. O podcast emerge desse duplo movimento: entre o esgotamento das formas tradicionais de divulgação científica e a invenção de mediações que prometem reconexão pública, ainda que sob condições instáveis e assimétricas. É nesse risco – entre ruídos, pausas e disputas de visibilidade – que se reinscreve a vitalidade contemporânea da divulgação científica como prática pública.

Breve trajetória da divulgação científica

Se hoje se discute amplamente a circulação pública do conhecimento, convém lembrar que a trajetória da divulgação científica no Brasil se iniciou sob um regime efetivo de silenciamento. Durante o período colonial, a proibição de gráficas e tipografias inviabilizou a impressão regular de livros e periódicos, limitando qualquer esforço sistemático de divulgação. A criação da efêmera Academia Científica do Rio de Janeiro, em 1772, rapidamente extinta sob suspeita de abrigar ideias excessivamente ilustradas, evidencia esse quadro. A abertura da Imprensa Régia, em 1808, marca um ponto de inflexão, com o surgimento de instituições como o Museu Real (futuro Museu Nacional) e de periódicos como a *Gazeta do Rio de Janeiro* e *O Patriota*, ainda fortemente vinculados ao projeto imperial e aos interesses do Estado (Menezes, 2022; Moreira; Massarani, 2002).

No contexto europeu do século XVIII, a divulgação científica apresentava maior densidade institucional e editorial, mas também operava sob fortes tensões. Obras como *Conversações sobre a pluralidade dos mundos*, de Fontenelle (1686), indicam a existência de um público interessado, ainda que restrito às elites letradas. A publicação da *Encyclopédie*, em 1751, por Diderot e d'Alembert, expressou uma ambição mais ampla de sistematização e circulação do saber em língua vernácula, deslocando simbolicamente o monopólio do latim e aproximando o conhecimento científico do leitor burguês, sem eliminar, contudo, suas mediações sociais e políticas (Mueller; Caribé, 2010; Trentin, 2018).

Entretanto, como demonstra Robert Darnton, a *Encyclopédie* esteve longe de constituir um projeto homogêneo ou plenamente democratizante. Tratou-

se de um empreendimento editorial e comercial condicionado por estratégias de mercado, limitações materiais e negociações constantes com a censura do Antigo Regime. A circulação do conhecimento ilustrado foi seletiva e socialmente hierarquizada, revelando que a universalização da razão dependia de estruturas econômicas, políticas e coloniais específicas (Darnton, 1996). Essa leitura crítica permite relativizar comparações assimétricas entre Europa e Brasil, afastando a ideia de que as ideias científicas e ilustradas seriam “fora de lugar” nas Américas. Em ambos os contextos, a circulação do saber foi atravessada por exclusões, censuras e pela articulação entre conhecimento, poder e mercado.

No Brasil do século XIX, a divulgação científica desenvolveu-se entre o entusiasmo ilustrado e limitações estruturais persistentes. Após 1808, periódicos, manuais técnicos e traduções de obras europeias buscaram formar quadros administrativos e técnicos, frequentemente sob discursos patrióticos e civilizatórios. Ainda assim, o público leitor permaneceu restrito e o Estado continuou a atuar como principal mediador dessas iniciativas (Menezes, 2022; Moreira; Massarani, 2002). Na segunda metade do século, a multiplicação de periódicos voltados à chamada “vulgarização” do conhecimento, as conferências públicas e a atuação de museus como o Nacional e o Paraense Emílio Goeldi ampliaram a visibilidade da ciência, embora de forma desigual (Kury, 2004).

Processos semelhantes ocorreram na Europa do século XIX, com a consolidação do jornalismo científico e a crescente mercantilização da ciência, visível em revistas como *Scientific American* e *Nature*. No Brasil, esses movimentos repercutiram de modo limitado e coexistiram com uma ordem social profundamente marcada pela escravidão, expondo as ambiguidades do projeto ilustrado oitocentista, exemplificadas pela figura de D. Pedro II (Kury, 2004; Menezes, 2022; Moreira; Massarani, 2002).

Ao longo do século XX, a institucionalização da educação, a expansão da imprensa e o fortalecimento das universidades permitiram maior escala à divulgação científica brasileira. Iniciativas como a Sociedade Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e, posteriormente, a SBPC e a revista *Ciência & Cultura*

sinalizam esse processo, marcado por avanços e interrupções, especialmente durante o regime militar (Kury, 2004; Menezes, 2022; Moreira; Massarani, 2002). Esse percurso insere-se em tendências globais mais amplas de massificação da comunicação científica, nas quais rádio, televisão, museus interativos e, em contextos como a Guerra Fria, a própria divulgação científica assumiram funções estratégicas de prestígio, persuasão e disputa simbólica (Ariga, 2022; Gregory; Miller, 1998; Jasanoff, 2005; Lafollette, 2008; Nelkin, 1995).

Internet e transformação digital na divulgação científica

O advento da internet nos anos 1990 reconfigurou profundamente os modos de circulação do conhecimento, ampliando a velocidade das conexões e permitindo a disseminação de conteúdos científicos em escala inédita. Inicialmente restrita a ambientes acadêmicos e militares, a rede rapidamente se abriu ao público geral, transformando-se em um mercado ampliado de ideias, dados e ruídos. Para universidades e centros de pesquisa, isso significou maior autonomia frente às mediações tradicionais da impressão, mas também novos desafios: a abundância informacional passou a exigir filtros, curadorias e distinções constantes entre o confiável e o improvável. No Brasil, esse processo foi atravessado por desigualdades de acesso e limitações de infraestrutura, ainda que políticas de inclusão digital tenham produzido avanços graduais (Grinberg; Almeida, 2012).

A partir dos anos 2000, universidades e instituições culturais investiram em portais digitais, ambientes virtuais de aprendizagem e políticas públicas de educação a distância, ao mesmo tempo em que bibliotecas e arquivos iniciaram processos de digitalização de acervos. Essas iniciativas ampliaram o acesso a fontes e conteúdos científicos, mas não eliminaram problemas de qualidade, contextualização e atualização, reiterando que conectividade, por si só, não garante compreensão nem pensamento crítico (Lopes; Alves; Lira-da-Silva, 2023). Nesse contexto, o surgimento de portais científicos e repositórios digitais alterou de modo decisivo a relação entre produção e circulação do conhecimento. No Brasil, plataformas como o *SciELO*, ao lado de revistas e projetos de divulgação

científica em ambiente digital, ampliaram a visibilidade da produção nacional e regional, inserindo-a em um circuito de circulação mais descentralizado (Kury, 2004; Marques, 2005; Menezes, 2022; Moreira; Massarani, 2002; Packer, 2001).

Com a consolidação da chamada Web 2.0, intensificou-se a participação ativa do público e a produção descentralizada de conteúdos científicos. Blogs, redes sociais, canais de vídeo e, posteriormente, os podcasts passaram a ocupar espaço crescente na difusão da ciência, relativizando as autoridades tradicionais da fala científica. Como observa Alisson (2014), a comunicação da ciência passou a ser marcada não apenas pelo alcance, mas pela interatividade, ampliando o perfil dos divulgadores para além de jornalistas e cientistas. Essa pluralização das vozes, como aponta Brossard (2014), configurou um regime de infomediação distribuída, no qual o conhecimento científico circula por múltiplas rotas, nem sempre previsíveis.

Os podcasts destacam-se nesse cenário por favorecerem vínculos mais duradouros entre ciência e público. Segundo Alisson (2014), o caráter informal e dialógico do formato permite combinar aprofundamento conceitual e acessibilidade narrativa, retomando a oralidade como estratégia de difusão do saber em contraste com a hegemonia da escrita acadêmica. No entanto, os mesmos dispositivos que ampliaram a circulação da ciência também intensificaram distorções e a disseminação de desinformação científica. A internet tornou-se um espaço ambivalente: se antes o desafio era tornar a ciência acessível, agora passou a ser torná-la audível em meio a ruídos organizados e economicamente exploráveis. Como aponta a Academia Brasileira de Ciências (ABC, 2024), a desinformação integra um ecossistema monetizado, favorecido por lógicas algorítmicas que priorizam engajamento, emoção e simplificação.

Nesse contexto, os efeitos das bolhas informacionais e da plataformação da comunicação impõem desafios adicionais à divulgação científica crítica e autônoma. Algoritmos de recomendação reforçam crenças prévias, aprofundam polarizações e dificultam a circulação de conteúdos científicos em ambientes hostis ou céticos (ABC, 2024). O problema contemporâneo, portanto, não se limita

à produção de informação de qualidade, mas à sua circulação e escuta em um ecossistema comunicacional fragmentado e assimétrico. Como lembram Albagli (1996) e Hilgartner (1990), a comunicação científica sempre envolve escolhas narrativas, disputas de visibilidade e relações de poder. Em suma, nunca houve divulgação científica sem método – nem sem política.

Podcasts, cultura digital e a lógica das plataformas

A trajetória dos podcasts no Brasil acompanha, com inflexões próprias, as transformações da cultura digital. Como indicam Prata, Avelar e Martins (2021), a podosfera nacional tem como marco inaugural o lançamento do Digital Minds, em 2004, experiência pioneira surgida em um contexto de liberdade criativa, precariedade técnica e produção independente. O formato, inicialmente artesanal e associado à lógica do faça-você-mesmo, consolidou-se progressivamente como campo de experimentação comunicacional e objeto de investigação acadêmica, ao mesmo tempo em que o público passou a incorporar o podcast como refúgio auditivo em meio ao excesso de estímulos visuais.

A partir da década de 2010, esse cenário se transformou de modo decisivo. Como analisam Figueira e Bevilaqua (2022), a entrada de grandes grupos midiáticos e plataformas digitais remodelou o ecossistema sonoro, simplificando o acesso e ampliando a escala de circulação. A transição do narrowcasting ao broadcasting – nos termos de Bonini (2020 *apud* Figueira; Bevilaqua, 2022) – marcou a passagem de uma comunicação entre poucos para a disputa por audiências massivas. Nesse processo, algoritmos, métricas e modelos de monetização passaram a orientar práticas de produção, substituindo critérios editoriais por indicadores de desempenho. Estudos como o de Duarte (2021) mostram como, no campo do jornalismo, a pauta passou a ser modulada por dados e lógicas de engajamento, fenômeno que também atravessa a divulgação científica. Como observam Lopes, Alves e Lira-da-Silva (2023), a autonomia inicial dos podcasts persiste, mas sob condições opacas impostas por plataformas como Spotify e YouTube.

No centro desse rearranjo está a disputa por um recurso escasso: a atenção. Parra e Luama (2024) demonstram como o Spotify atua como *gatekeeper* algorítmico, regulando fluxos de visibilidade a partir de critérios pouco transparentes. Ribeiro (2024), ao retomar a noção de economia da atenção, evidencia como o tempo de escuta é convertido em valor de mercado, fazendo da retenção do ouvinte um objetivo central. Recursos como autoplay, recomendações personalizadas e playlists contínuas moldam a experiência sonora segundo a lógica da permanência, tensionando a circulação de conteúdos críticos, que correm o risco de se diluir como mais um ruído otimizado.

O resultado é um campo paradoxal: simultaneamente fértil e regulado, inovador e capturado. Ao articular teorias sobre plataformização e economia da atenção com estudos empíricos situados no contexto brasileiro, a literatura recente evidencia o podcast como objeto privilegiado para pensar novas formas de mediação, visibilidade e disputa por sentido na cultura digital. A questão que se impõe, nesse ambiente governado por algoritmos e métricas, é se ainda há espaço para que vozes dissonantes escapem do ruído – e para que o conhecimento permaneça uma prática pública, ainda que mediada por fones de ouvido e sistemas de recomendação.

Podcasts de História e as disputas narrativas no ambiente digital

Entre o rigor historiográfico e a cacofonia das redes, os podcasts de História têm se afirmado como uma frente relevante da História Pública e como espaços de resistência narrativa no ambiente digital. No Brasil, segundo maior produtor mundial de podcasts, historiadores e historiadoras têm ocupado esse território com análises acessíveis, narrativas bem estruturadas e contextualizações que escapam aos limites das linguagens breves das redes sociais. Iniciativas como *História FM*, *Mais História*, *por favor!* e *Fronteiras no Tempo* exploram a linguagem sonora como forma de diálogo com públicos ampliados, articulando fluência narrativa e responsabilidade metodológica. Ao abordar temas como escravidão, ditadura, racismo estrutural e história indígena, esses programas contribuem para

a construção da memória coletiva por meio de práticas de escuta crítica (Marques, 2021; Silva, 2023; Silva; Silva, 2024).

Reduzir os podcasts de História a simples instrumentos de divulgação científica, contudo, é insuficiente. Em um ambiente digital marcado pela desinformação e pela circulação estratégica de versões do passado moldadas para disputas contemporâneas, esses programas atuam diretamente nas batalhas narrativas. Pesquisas indicam a expansão de negacionismos revisionistas amplificados por plataformas digitais que favorecem conteúdos conspiratórios ou simplificadores. Nesse contexto, podcasts conduzidos por historiadores funcionam como espaços de escuta crítica, nos quais pesquisa acadêmica, evidência histórica e linguagem acessível se articulam para tensionar distorções, silêncios e usos políticos do passado (Marques, 2021; Silva, 2023; Silva; Silva, 2024).

O próprio formato do podcast favorece essa operação ao mobilizar uma cadência oral e uma proximidade afetiva que engajam o ouvinte de modo sensível e reflexivo. Como observa Débora Cristina Lopez (2021), a narrativa sonora constitui um instrumento privilegiado para apresentar histórias de vida, provocar deslocamentos e tensionar certezas por meio da escuta. A presença recorrente de especialistas convidados e de testemunhos individuais amplia a pluralidade interpretativa e contribui para romper com a lógica de uma história única. Iniciativas como o *Projeto Querino* exemplificam essa ética de representação ao valorizar narrativas fragmentadas e experiências singulares como parte de uma política da memória fundada na escuta do outro (Rogerio, 2022).

Essas potencialidades, no entanto, se desenvolvem em um ambiente estruturalmente tensionado pela plataformização da comunicação. Como mostram Figueira e Bevilaqua (2022), a consolidação de plataformas como *Spotify*, *YouTube* e *Apple Podcasts* submeteu os podcasts a critérios comerciais, métricas de engajamento e regimes opacos de visibilidade. A circulação dos episódios passa a depender de mecanismos que favorecem conteúdos mais performáticos, nem sempre os mais densos. Duarte (2021) demonstra como, no jornalismo, pautas e formatos são progressivamente modulados por dados; nos podcasts de História,

o dilema se repete: até que ponto é possível sustentar densidade historiográfica quando o algoritmo exige retenção?

Além disso, como indicam Parra e Luama (2024) e Ribeiro (2024), a economia da atenção transforma o tempo de escuta em valor, impondo expectativas de regularidade, brevidade e adesão a padrões médios de consumo. Ainda assim, produtores de divulgação científica têm desenvolvido estratégias híbridas de circulação, combinando plataformas digitais, redes sociais, sites próprios e ações extensionistas, buscando negociar com essas lógicas sem abdicar completamente da crítica (Lopes; Alves; Lira-da-Silva, 2023).

A sustentabilidade desses projetos permanece frágil, marcada por financiamentos pontuais, editais escassos e iniciativas de financiamento coletivo. A ausência de políticas públicas estruturadas para a divulgação científica em formatos digitais amplia essa precariedade, apesar do evidente valor social e pedagógico dos podcasts de História. Ainda assim, a persistência dessas iniciativas constitui, por si só, uma forma de intervenção pública: ao ocupar o espaço digital com interpretações críticas do passado, esses podcasts participam ativamente das disputas por memória, sentido e autoridade histórica no presente.

Estudo de caso: a trajetória da divulgação científica na UFOP

A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), criada em 1969 a partir da fusão da Escola de Minas (1876) e da Escola de Farmácia (1839), desenvolveu desde seus primeiros anos uma relação peculiar com a comunicação pública da ciência. No início, a divulgação científica ocorria de maneira discreta e quase sempre circunscrita ao ambiente interno da universidade: boletins informativos, murais, eventos de extensão e visitas técnicas aos acervos das escolas fundadoras – verdadeiros museus vivos, com coleções de minerais, plantas medicinais e instrumentos de laboratório. Essa comunicação, embora valiosa, falava baixo, para poucos e em tom técnico. Faltava-lhe um projeto sistemático de circulação de saberes, algo que só começaria a se desenhar mais nitidamente nas décadas seguintes (UFOP, 2024a).

A consolidação de uma política institucional de comunicação começou a ganhar corpo nos anos 1990, com a criação da Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) e do Jornal da UFOP, publicação impressa e depois digital voltada à divulgação das atividades da universidade (UFOP, 2024a). Mas o grande salto ocorreu com a fundação da Rádio UFOP Educativa, em 1998. Criada por meio da Fundação Educativa de Rádio e TV Ouro Preto (FEOP), a rádio surgiu com o propósito de unir divulgação científica, formação estudantil e diálogo comunitário, em consonância com a Resolução CUNI nº 1079, que estabeleceu diretrizes para o Sistema de Comunicação da UFOP (UFOP, 2024d). Desde então, a emissora produziu centenas de programas voltados à cultura, à ciência e à educação, articulando-se em rede com outras rádios universitárias do país e da América Latina. Sua programação, pensada em colaboração com docentes, técnicos e estudantes, combinava boletins informativos, entrevistas e pequenas séries temáticas – os chamados “programetes” – com linguagem acessível, leve e atenta às demandas do público local. Em 2018, já haviam sido produzidos 577 episódios de 17 programetes distintos, além de 18 horas de séries especiais (UFOP, 2024d). A ciência passava, enfim, a ser transmitida não apenas em artigos acadêmicos, mas também em ondas de rádio (UFOP, 2024b).

Na década seguinte, a expansão continuou com a criação da TV UFOP. Iniciada em 2006 com o Centro de Produção e Pesquisa Audiovisual (CPPA), a emissora entrou oficialmente no ar em 2011, ocupando o canal 31 UHF com sinal aberto para a cidade de Ouro Preto e região. A programação, produzida por equipes locais com o apoio do Canal Futura, incluía noticiários, programas educativos e entrevistas com pesquisadores, todos voltados à promoção da ciência, da cultura e da cidadania. A linguagem audiovisual passou a integrar o repertório da universidade, ampliando o alcance das suas ações de divulgação e formando gerações de estudantes em práticas técnicas e jornalísticas. Em 2022, a parceria com a Fundação de Educação, Artes e Cultura (FUNDAC) assegurou a sustentabilidade do projeto (UFOP, 2022).

Ao mesmo tempo, a universidade ampliava sua presença digital. O portal institucional da UFOP, redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e YouTube,

bem como canais de streaming e repositórios como o UFOP Cast, permitiram que os conteúdos de ciência produzidos por professores e alunos circulassem em ambientes antes restritos à grande mídia. A digitalização de acervos, a participação em eventos como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e a criação de núcleos interdisciplinares de divulgação – como o projeto Média-Ciência, vinculado ao curso de Museologia e ao LABMECA (Laboratório de Mediação, Ensino de Ciências, Astronomia e Acessibilidade) – reforçaram o compromisso da UFOP com a circulação pública do conhecimento (UFOP, 2024c).

Nos últimos anos, essa trajetória encontrou novas formas de expressão – e novas tensões – com o surgimento de projetos como o Entrepasto de Ideias. Criado em 2023 no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), o projeto articula pesquisa, extensão e comunicação pública, com o objetivo de divulgar conhecimentos produzidos nas áreas de História e Letras por meio de formatos digitais acessíveis (UFOP, 2024e). Seu principal veículo é o podcast Espia e Espaia, uma produção que combina crítica, rigor teórico e linguagem informal para abordar temas como história regional, literatura marginal, cultura política e ensino. A iniciativa foi viabilizada por edital da FAPEMIG e, até o final de 2024, havia lançado 51 episódios nas principais plataformas de áudio, além de manter perfis ativos nas redes sociais e parcerias com rádios comunitárias locais e a própria Rádio UFOP (UFOP, 2024e).

O projeto se diferencia das experiências anteriores por algumas razões. Em primeiro lugar, ele nasce no âmbito das ciências humanas, fora dos departamentos tradicionalmente ligados à comunicação, e propõe uma abordagem que articula pesquisa acadêmica e vivência territorial. Em segundo, ele se estrutura como um laboratório colaborativo: o Espia e Espaia recebe contribuições de diversos pesquisadores, professores da educação básica e estudantes de graduação e pós-graduação, formando uma comunidade de prática em torno da divulgação científica. Em terceiro, ele opera com foco em escuta: não apenas no sentido literal do áudio, mas como estratégia de aproximação com públicos que normalmente não acessam o vocabulário acadêmico (UFOP, 2024e).

A criação do Entrepasto de Ideias – um repositório para guardar a memória da divulgação científica do Instituto – e do podcast *Espia e Espaia* permitiu, pela primeira vez, a implantação de uma infraestrutura própria de produção multimídia no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IChS), o que representa não apenas uma conquista logística, mas também simbólica: produzir com seus próprios meios, em seu próprio território. Essa autonomia garante liberdade editorial, fluidez criativa e protagonismo das humanidades na divulgação científica.

No entanto, há um duplo movimento em curso – e, como toda dialética universitária, ele carrega promessas e tensões. Por um lado, a iniciativa se alinha ao que o mercado de trabalho tem cada vez mais demandado: historiadores, pedagogos e profissionais de Letras capazes de operar em ambientes digitais, editar áudio, roteirizar narrativas e articular saberes em múltiplas linguagens (Almeida; Damasceno; Moreno-Rodríguez, 2024).

Por outro lado, ao se estruturar fora dos circuitos tradicionais da comunicação institucional, corre-se o risco de desarticular essas práticas, por exemplo, dos cursos do Departamento de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UFOP, que possui experiência acumulada, corpo técnico qualificado e saberes específicos sobre produção e circulação de informação pública. Em vez de convergência, pode haver duplicação de esforços – ou, no limite, silêncios cruzados. É nesse entrelugar que o projeto se encontra: afirmando a potência comunicativa das humanidades ao mesmo tempo em que desafia a universidade a pensar modelos mais integrados e colaborativos de produção de ciência em público.

Escuta em tempo real: notas sobre a recepção do *Espia e Espaia*

Produzir conhecimento é uma tarefa exigente; fazê-lo circular e ser ouvido, ainda mais. Criado em 2023 como experimento de extensão e escuta crítica, o podcast *Espia e Espaia* acumulou, até a redação deste artigo, 59 episódios, abordando temas como a Ditadura Militar em Minas Gerais, literatura marginal e os bastidores da pesquisa em humanidades. A análise das métricas permite observar não apenas o alcance, mas os modos de engajamento do público.

Os dados das plataformas de hospedagem indicam uma audiência numericamente modesta, porém consistente. Episódios da série especial *Llansol: Conversas Infinitas* concentram os maiores índices de reprodução, sugerindo interesse por narrativas densas e propostas curatoriais mais nítidas. Observa-se também aumento de escutas em episódios associados a data simbólicas, reforçando o vínculo entre memória, território e crítica. A média geral de reproduções por episódio situa-se entre 50 e 80 acessos, com variações relacionadas à duração e às estratégias de divulgação.

O tempo médio de escuta concentra-se entre 15 e 25 minutos, sobretudo em episódios com até meia hora de duração, padrão compatível com o observado em podcasts educativos (Alisson, 2014). Mais relevante que a conclusão integral dos episódios é a recorrência: cerca de 40% das escutas provêm de usuários que retornam ao programa, indicando a formação de uma comunidade de ouvintes afetivamente implicados.

Geograficamente, a audiência concentra-se em Minas Gerais, especialmente na região de Ouro Preto e entorno, embora haja registros em outras capitais brasileiras e em países lusófonos. O consumo ocorre majoritariamente por dispositivos móveis, sobretudo smartphones, o que sugere hábitos de escuta associados ao deslocamento ou a momentos de descanso, especialmente no período noturno.

Esses dados, ainda que parciais, permitem compreender o *Espia e Espia* como uma prática pública de saber sustentada menos por viralização do que por vínculos recorrentes e escutas situadas. As métricas indicam trajetórias de consumo não lineares, guiadas por afinidades temáticas e marcos de memória, o que abre espaço para séries curtas, episódios temáticos e formatos narrativos experimentais.

Pensar estratégias de consolidação da audiência, nesse contexto, não implica aderir à lógica do engajamento acelerado, mas aprofundar aquilo que já produz reconhecimento e retorno. Cultivar escutas lentas em um ambiente de atenção fragmentada constitui, assim, um gesto deliberado. Escutar um podcast

de História não é apenas consumir informação, mas exercer uma disponibilidade crítica – prática que, ainda que minoritária, revela-se politicamente significativa.

Considerações finais: entre ecos e ruídos

Em suma, o podcast, enquanto mídia sonora inserida nas disputas de memória e sentido, constitui uma forma contemporânea de mediação entre o saber historiográfico e a sociedade. Em um contexto marcado por ruído informacional, atenção fragmentada e disputas algorítmicas de visibilidade, oferecer narrativas historicamente fundamentadas e sensivelmente elaboradas configura, ao mesmo tempo, um gesto pedagógico e político. A circulação dessas vozes depende, em parte, das lógicas das plataformas digitais, mas sobretudo da existência de comunidades dispostas a escutar com tempo, atenção e disposição crítica, reconhecendo o conhecimento histórico como prática pública e situada.

Se o projeto iluminista da *Encyclopédie* aspirava à universalização do saber por meio da ordenação racional e da circulação impressa, os podcasts de divulgação científica operam hoje em um cenário radicalmente distinto, mediado por algoritmos orientados pelo engajamento e pela economia da atenção. Ainda assim, preservam algo daquela vocação pública, não em sua pretensão totalizante, mas na aposta em brechas de escuta no cotidiano saturado. Em vez de verbetes enciclopédicos, oferecem episódios; em lugar da razão abstrata, mobilizam voz, contexto e temporalidade, reinscrevendo o conhecimento histórico em experiências sensíveis de escuta.

Os podcasts de História, em particular, afirmam-se como espaços possíveis de crítica, afeto e construção coletiva da memória, mesmo sob condições precárias e instáveis de produção e circulação. Ao articular rigor historiográfico, linguagem acessível e escuta crítica, esses projetos contribuem para o campo da divulgação científica ao deslocar o foco da simples transmissão de conteúdos para a mediação reflexiva do saber. Do ponto de vista da história pública, evidenciam o papel ativo dos historiadores na disputa por narrativas sobre o passado em ambientes digitais marcados pela desinformação e pelo negacionismo.

A relevância dessas experiências não reside na promessa de alcance massivo, mas na persistência de práticas que transformam a escuta em pensamento e o consumo em vínculo recorrente. Nesse gesto insistente – cotidiano, situado e compartilhado – a divulgação científica reencontra sua dimensão pública: não como garantia de consenso, mas como convite permanente à compreensão histórica, à problematização do presente e ao dissenso informado.

Referências

ABC - ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. *Desinformação científica: desafios e caminhos para a superação*. Rio de Janeiro: ABC, 2024.

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para cidadania. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 287–294, 1996.

ALISSON, Elton. Interatividade da internet mudou a forma de comunicar a ciência. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, maio 2014.

ALMEIDA, José V. V.; DAMASCENO, Maria L.; MORENO-RODRÍGUEZ, Ana S. Potencialidades das redes sociais virtuais para a divulgação científica. *Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2024.

ARIGA, Nobumichi. What is a science museum? Its history and future. *Science Japan*, JST, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.jst.go.jp>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BROSSARD, Dominique. New media landscapes and the science information consumer. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, United States, v. 111, p. 13625–13631, 2014. Suplemento 4.

BULL, Michael. *Sound moves: iPod culture and urban experience*. London: Routledge, 2007.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Encyclopédie” (1775-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUARTE, Michelle Raphaelli Camargo. *O podcast como elemento de plataforma no jornalismo: uma análise sobre a produção dos podcasts “Café da Manhã”, “Durma com Essa” e “O Assunto”*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2021.

FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto; BEVILAQUA, Diego Vaz. Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 120-138, jan./mar. 2022.

FONTENELLE, Bernard le Bovier de. *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos [1686]*. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

GREGORY Jane; MILLER, Steve. *Science in public: communication, culture, and credibility*. Cambridge: Basic Books, 1998.

GRINBERG, Keila; ALMEIDA, Anita. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2012.

HILGARTNER, Stephen. The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. *Social Studies of Science*, London, v. 20, n. 3, p. 519–539, 1990.

JASANOFF, Sheila. *Designs on Nature: Science and Democracy in Europe and the United States*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 109-129, 2004

LAFOLLETTE, Marcel Chotkowski. *Science on the air: popularizers and personalities on radio and early television*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

LOPES, David Santana; ALVES, Lynn Rosalina Gama; LIRA-DA-SILVA, Rejâne Maria. Podcasts, divulgação científica e a plataformização: história, potencialidades e controvérsias. *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 12, n. 2, 2023.

LOPEZ, Débora Cristina. Podcast: popularização e diversidade de informação em um só formato. *Em Discussão, Ouro Preto*, 27 out. 2021. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/em-discussao/podcast-popularizacao-e-diversidade-de-informacao-em-um-so-formato>. Acesso em: 7 maio 2025.

MARQUES, Fabrício. Articles in the Spotlight. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, p. 24-27, fev./dez. 2005.

MARQUES, Thaís Pio. 10 podcasts de história que você precisa conhecer. *Café História*, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/10-podcasts-de-historia-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 3 maio 2025.

MENEZES, Adriana Vilar de. Mais de 200 anos de comunicação da ciência no Brasil: falta de letramento científico é determinante para breçar o crescimento da divulgação científica. *Ciência & Cultura*, São Paulo, v. 74, n. 3, p. 16-19, jul./set. 2022

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa; BRITO, Fátima (org.). *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 43-64.

MUELLER, Suzana P. M.; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. A comunicação científica para o público leigo: breve histórico. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, p. 13-30, 2010.

NELKIN, Dorothy. *Selling Science: How the Press Covers Science and Technology*. Nova Iorque: W. H. Freeman, 1995.

OCHOA GAUTIER, Ana María. *Aurality: listening and knowledge in nineteenth-century Colombia*. Durham: Duke University Press, 2014.

PACKER, Abel Laerte. The SciELO model for electronic publishing and measuring of usage and impact of Latin American and Caribbean scientific journals. In: ELECTRONIC PUBLISHING IN SCIENCE, 2nd, 2001. Paris. *Proceedings [...]*. Paris, 2001. ICSU, 2001.

PARRA, Felipe; IUAMA, Tadeu Rodrigues. “Brincadeirainha! Ó o algoritmo”: um ensaio crítico-reflexivo sobre a produção de uma cosmovisão a partir do controle informacional-algorítmico do Spotify. *Revista GEMInIS*, São Carlos, v. 15, n. 1, p. 188-204, jan./abr. 2024.

PRATA, Nair; AVELAR, Kamilla; MARTINS, Henrique Cordeiro. Podcast: trajetória de pesquisa e temas emergentes. *Comunicação Pública*, Lisboa, v. 16, n. 31, 2021.

RIBEIRO, Ana Luiza Dutra Lutz Machado. A Economia da Atenção no contexto da Plataformização e Datificação: uma análise da teoria de Goldhaber. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 23., 2024, Frederico Westphalen. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2024.

ROGERO, Tiago. *Projeto Querino*. 2022. Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast/>. Acesso em: 7 maio 2025.

SILVA, Cesar Agenor Fernandes da; SILVA, Marcelo de Souza. Os desafios da História em tempos de negacionismo: ensino na produção de podcasts. *Revista Horizontes Históricos, São Cristóvão*, v. 9, n. 2, p. 103-123, jul./dez. 2024.

SILVA, Cesar Agenor. História Pública em mídias digitais: uma investigação sobre podcasts de história na América do Sul. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 10., 2023, Maringá. *Anais eletrônicos [...]*. Maringá: UEM, 2023. p. 873-889.

TRENTIN, Paulo Henrique. Apontamentos e reflexões preliminares acerca da divulgação de conhecimento científico no final do século XVIII e início do século XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência*, São Paulo, v. 18, p. 111-124, 2018.

UFOP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO *História da UFOP*. Ouro Preto: UFOP, 2024a. Disponível em: <https://ufop.br/historia-da-ufop>. Acesso em: 19 fev. 2026.

UFOP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Projeto Memória: 20 anos da Rádio UFOP*. Ouro Preto: Rádio UFOP, 2024b. Disponível em: <https://radio.ufop.br/memoria>. Acesso em: 19 fev. 2026.

UFOP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Laboratório de Mediação, Ensino de Ciências, Astronomia e Acessibilidade (LABMECA)*. Ouro Preto: UFOP, 2024c. Disponível em: <https://astronomia.ufop.br/labmeca>. Acesso em: 19 fev. 2026.

UFOP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Rádio UFOP Educativa: História e Diretrizes*. Ouro Preto: UFOP, 2024d. Disponível em: <https://radio.ufop.br/historia>. Acesso em: 19 fev. 2026.

UFOP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Podcast de divulgação científica do ICHS ganha novos episódios*. Ouro Preto: UFOP, 2024e. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/pesquisa-e-inovacao/podcast-de-divulgacao-cientifica-do-ichs-ganha-novos-episodios>. Acesso em: 19 fev. 2026.

UFOP – UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Breve histórico da TV UFOP*. Ouro Preto: TV UFOP, 2022. Disponível em: <https://tv.ufop.br/breve-historico-da-tv-ufop>. Acesso em: 19 fev. 2026.

Nota

- 1 Este artigo resulta das atividades do projeto “Literatura e História em Rede: divulgação científica na região dos Inconfidentes”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), por meio da Chamada 05/2022 – Programa Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia, voltada ao apoio a ações de divulgação científica, tecnológica e de inovação.

Recebido em: 04 de setembro de 2025

Aprovado em: 21 de janeiro de 2026